

PEDRO HISPANO PORTUGALENSE

Da eleição papal às vicissitudes da tumulação¹

J. BOLÉO-TOMÉ*

1. Um Papado inesperado

1276: Falecido Gregório X, dois papas lhe sucederam no mesmo ano – Inocêncio V, que governou a Igreja durante cinco meses, e Adriano V, que faleceu ao fim de um mês e sete dias. Assim, em pouco mais de meio ano, a Igreja encontrava-se novamente sem chefe. Pela terceira vez no mesmo ano, a Assembleia de cardeais foi chamada para escolher o novo sucessor de Pedro.

Iniciados os trabalhos em 19 de Agosto de 1276, rapidamente começou a transpirar para o povo de Viterbo que os cardeais não se entendiam, existindo uma guerra surda entre o partido que apoiava um Orsini e o partido de Collona, ambos ligados a famílias com interesses políticos exteriores à Igreja. Os dias passavam e o povo começou a ficar inquieto. Quando se completaram três semanas, o povo de Viterbo, pela voz dos seus magistrados, decidiu pôr termo ao tempo de espera e, como fizera com a escandalosa demora na eleição do Papa Gregório X, ameaçou cortar os alimentos, deixando os cardeais a pão, água e vinho. Se foi a ameaça, ou se a decisão já estava preparada, o que é certo é que poucos dias se passaram e, em 20 de Setembro, foi anunciado um nome surpresa: fora eleito por unanimidade um cardeal sem fortuna e sem ligações políticas, Pedro Julião, cardeal Frascati e Bispo de Tusculum, e que fora Arcebispo de Braga, conhecido pela sua humildade e pela sua ciência. *Magnus in Scientia* (grande em Ciência) lhe chamavam, assim como *Magister magistri* (o Mestre dos Mestres), e *Clericus Universalis*, títulos exclusivos, que mostram a dimensão do seu valor intelectual e moral, reconhecido para além do tempo. A sua inesperada eleição transformou-o no Papa João XXI, nome por ele escolhido, que iria manter-se no governo da Igreja apenas ao longo dos oito meses seguintes.

¹ Para o essencial ver: *Pedro Hispano Portugualense*, coord. J. Paiva Boléo-Tomé, Porto, 2007, 262 pp; e *Catholic Encyclopedia*

* Médico, Professor Catedrático Jubilado



Fig. 1 – Papa João XXI segundo gravura do Século XIX, n. identificada.

2. Um papado difícil

Eleito Papa sem partido apoiante, Pedro Hispano, agora Papa João XXI teve de organizar o seu próprio programa num mundo socio-político cheio de contradições e abusos. Foi independente numa Europa que, até aos nossos dias, parece que quase só conheceu três atitudes: a guerra, a convalescença da guerra, ou a preparação para a guerra. Francos e germânicos estiveram quase sempre no centro das polémicas, das lutas, das ambições. Francos e germânicos disputaram entre si a hegemonia dos povos e o controlo da força mais temida durante muitos séculos – o poder espiritual do Papa, que os podia excomungar, retirando-lhes o apoio do povo.

Este foi o ambiente medieval, de mistura com realizações notáveis como as universidades. Foi este o mundo confuso e violento em que João XXI teve de actuar, sempre com a energia necessária para que os príncipes compreendessem que o valor da paz era incomparavelmente superior às suas ambições e desinteligências. Na sua noção de Europa, e principalmente de Europa Cristã, não cabiam as lutas e invejas que constantemente envenenavam as relações entre povos e pessoas.



Fig. 2 – Palácio papal em Viterbo

A sua acção começou “por dentro”. No próprio dia da entronização, um domingo, expediu uma bula constituindo tribunais especiais para julgar os delitos cometidos por clérigos durante o período de «*sé vacante*». Nesse mesmo dia, manteve a suspensão da constituição *Ubi Periculum* de Gregório X, que tinha instituído o conclave, com o objectivo de lhe dar mais independência do poder político, principalmente com uma escolha cuidadosa dos cardeais eleitores.

Imediatamente a seguir dedicou-se à pacificação da Europa. A guerra entre Afonso X de Lião/Castela e Filipe III de França foi travada pelos legados pontifícios; conseguiu por termo às lutas entre o imperador Rudolfo de Habsburgo e o rei Carlos de Anjou, da Sicília, acabando igualmente com as lutas entre guelfos e gibelinos, nomes por que eram conhecidos respectivamente os partidários dos duques da Baviera que, apoiados pelos Papas, defendiam as liberdades comunais, e os partidários dos Hohenstaufen, que defendiam a supremacia do imperador germânico, mesmo sobre os Papas; nas Ilhas Britânicas, intimou Eduardo I de Inglaterra a libertar o Conde de Leicester e a conseguir um entendimento, perante um legado papal, com os barões comandados pelo Conde, revoltados com os abusos que vinham já de Henrique III, pai de Eduardo I.

A sua preocupação com a paz e harmonia entre os povos levou-o igualmente a prosseguir a política de aproximação com a Igreja do Oriente, com sede em Constantinopla, separada da Igreja Romana, política iniciada pelo seu antecessor e amigo Gregório X.

Esta separação, conhecida como o **Grande Cisma do Oriente**, pode-se dizer que teve as suas raízes no *cesaro-papismo*, nascido no século IV com o imperador Constantino e mais intenso no Oriente, onde a Igreja dependia quase totalmente do poder imperial. A separação acabou por se consumar em 1054, agravada por perseguições e excomunhões, embora por duas vezes se tivesse realizado uma grande aproximação. A primeira, com o Concílio Ecuménico de Lyon (1274), foi promovida por Gregório X, e continuada por João XXI. A segunda teria lugar mais tarde, alguns anos antes do desaparecimento do *Império do Oriente*, com a queda de Constantinopla às mãos dos turcos.

O Papa João XXI, ainda como legado do Papa Gregório X, tinha estado no Concílio de Lyon e assistira ou participara na aproximação da Igreja Oriental, pela mão do imperador Miguel Paleólogo. Quis, por isso, continuar o trabalho iniciado, conseguindo mesmo passos bastante decisivos que fariam prever uma união completa a breve prazo. Tal não chegou a acontecer; a sua morte precoce, em acidente, seguida de atitudes duras de parte a parte, criaram de novo o fosso que mantinha a separação. Na data da morte daquele imperador, em 1282, todos os esforços se tinham esboroados. Seria preciso esperar por 1965, com o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras, para se poder falar numa verdadeira aproximação, a caminho da unidade.

Mas outros problemas puseram à prova a capacidade do Papa português, salientando-se as chamadas questões doutrinárias de Paris, e um outro que lhe deve ter sido particularmente incómodo, para não dizer doloroso, levantado pelo rei português, Afonso III, que fora seu amigo e protector.

Em Portugal encontrava-se já um legado pontifício, Frei Nicolau, enviado pelo antecessor de João XXI, Inocêncio V, com severas instruções para convencer o rei a cumprir o que tinha acordado com o Papa. Com o seu conhecido sentido de justiça, o Papa sabia que a decisão tomada por Inocêncio V devia ser confirmada; foi o que fez depois de insistir com o rei para cumprir o que ele próprio tinha aceite. Não deve ter sido nada fácil para o Papa ter de confirmar o interdito.

3 - As questões doutrinárias de Paris

As questões doutrinárias, que dominaram uma boa parte da Idade Média, foram igualmente uma preocupação para o Papa português. Entre elas contam-se as que foram conhecidas como «questões doutrinárias de Paris», por estarem estreitamente ligadas a

alguns *mestres* da Faculdade das Artes, da Universidade de Paris. Vejamos rapidamente alguns dos factos mais conhecidos, assim como o que é possível saber-se hoje sobre as posições assumidas pelo Papa João XXI².

A influência dos filósofos gregos, nomeadamente de Platão e de Aristóteles, fez-se sentir por muito tempo, quer na forma (uma nova forma de expor e discutir ideias), quer no próprio conteúdo. Se a primeira, a forma, não levantava problemas ideológicos ou filosóficos, não aconteceu o mesmo com o segundo, que podia atingir as próprias raízes do pensamento. E foi isso que se passou, tendo Aristóteles como ponto de partida, pela pena e pensamento de um homem, árabe de origem, conhecido pelo nome de Averroes.



Fig. 3 – Averroes: estátua em Córdoba

Ibn Roschd, ou Averroes, nasceu em Córdoba em 1126, de família de origem árabe. Tanto o pai como o avô ocuparam lugares de destaque junto dos califas. Ele próprio gozou de grande favor no tempo dos califas AbuJacub Iusuf e o filho Jacub Al Mansur. A sua obra estende-se pelos domínios da Medicina, jurisprudência, matemática, filosofia e teologia. Foi nestes últimos domínios, a filosofia e a teologia, que a sua influência se fez sentir, principalmente através da obra «*Comentários de Aristóteles*»

² Além das referências indicadas, sugere-se o belíssimo estudo de James A. Weisheipl – *Frère Thomas D'Aquin: sa vie, sa pensée, ses oeuvres*; Trad. Francesa em Les Éditions Du Cerf, Paris (pp. 363-379).

A tradução para o latim das obras de Aristóteles assim como dos “Comentários” de Averroes, facilitou o acesso ao pensamento filosófico destes autores, e a sua progressiva influência nos meios universitários medievais. O método prático de exposição dos temas utilizado por Averroes nos seus “Comentários” constituiu o segredo do seu sucesso, nascendo o que foi designado por *Averroísmo* e *Averroísmo latino*. Este *Averroísmo* continha interpretações filosóficas, científicas e teológicas baseadas em Aristóteles, de entre as quais se destaca a defesa do princípio das duas verdades: a da religião, para as multidões ignorantes, e a da filosofia, para os escolhidos.

Antes ainda de ser Papa, Pedro Hispano foi confrontado com o *averroísmo* que já o dominicano Tomás de Aquino, falecido em 1274, tinha tentado combater, e que se estendia como mancha de azeite nos meios cultos do tempo. Perante esta situação, enviou uma mensagem ao bispo de Paris, Étienne Tempier, pedindo-lhe para fazer e lhe enviar uma relação dos erros que estavam a ser ensinados, das pessoas e dos locais. Para o mesmo efeito, confirmou como seu legado em França o cardeal Simon de Brion, que para esse fim fora nomeado pelo Papa Gregório X. A carta (*Relatio nimis implacida*) é muito clara no pedido e nos objectivos: (...) «*rigorosamente ordenamos e mandamos que diligentemente faças observar e inquirir de que pessoas e em que lugares tais erros foram ditos ou escritos; e o que souberes ou vires, não deixes de, o mais breve possível, no-lo fielmente descrever e transmitir pelo teu correio. Dada em Viterbo, a 18 de Janeiro de 1277*».

Estes os factos, em que encontramos uma intervenção clara do Papa português que, pela reconhecida e admirada cultura que ninguém discutia, se encontrava em condições privilegiadas para analisar e decidir sobre estas questões. Acresce ainda o seu conhecimento invulgar do árabe e do grego que o colocava à vontade para consultar as fontes. Podemos mesmo dizer que o seu pedido se inscreveu numa preocupação de limitar os estragos produzidos por uma primeira condenação pelo mesmo Tempier em 1270, chamando a si a decisão final.

O que se passou, como consequência da carta dirigida ao bispo de Paris foi, no mínimo estranho: o bispo terá pedido a vários teólogos que lhe fizessem uma lista dos “erros”, conseguindo assim reunir **duzentas e dezanove** proposições, num todo heterogéneo, não ordenado por assuntos ou locais. Entre elas encontram-se algumas proposições relacionadas com Tomás de Aquino, num total de **dezassex**. De posse destes dados, em vez de os enviar ao Papa para análise e decisão como era pedido na

carta que recebera, Tempier considerou-se com autoridade para condenar os erros apontados, o que fez em 7 de Março de 1277, produzindo efeito apenas na área da sua diocese, mas abrangendo a universidade..

Os dominicanos não gostaram que um seu confrade, Tomás de Aquino, cuja fama de santidade já ultrapassara os ambientes conventuais (viria a ser canonizado pelo Papa João XXII em 1323), assim como escritos seus, fossem objecto de uma condenação desta ou doutra natureza, ele que combatera o averroísmo com o qual era agora confundido. A confusão instalou-se, sendo o Papa acusado de ter autorizado a referida condenação, acusação estranha porque João XXI enviou nova carta com data de 29 de Abril, insistindo no pedido que tinha feito, pois queria conhecer, não somente as pessoas que espalhavam os erros, mas igualmente «*as passagens em que esses erros são expressos ou escritos*» pelos «*maîtres ès arts dans leurs cours*». J. Meirinhos³ deduz, muito claramente: «*Requerer ao bispo para ser minuciosamente informado, talvez para agir em conformidade, equivale a chamar a si a autoridade máxima sobre a Universidade. Este é um gesto de autoridade que tem toda a importância e que, ao contrário das interpretações tradicionais, poderá indicar que o Papa pretende (...) limitar a latitude de acção do bispo, avocando a si a última palavra (...)*».

O pouco tempo que viveu a seguir – seria vítima de um acidente no mês seguinte – não lhe permitiu separar o erro da confusão lançada pelo bispo de Paris.

4 – Guerrilhas, contradições, intrigas

Pode-se dizer que, quase desde o seu início, as Ordens Religiosas viveram numa espécie de pequenas guerrilhas e intrigas internas que transpiravam para o exterior nas discussões filosóficas e teológicas. O facto de a Ordem Dominicana, graças principalmente a Tomás de Aquino e Alberto Magno, ter atingido um grande prestígio na Universidade de Paris, criou alguns desentendimentos e atritos difíceis de sanar. Compreende-se, por isso, que as tais listas de “erros” pedidas pelo bispo de Paris, fossem mais pequenas quando escritas por dominicanos e maiores quando redigidas por não dominicanos.

Compreende-se igualmente que o Papa João XXI, independente de qualquer Ordem religiosa, pelo simples facto de optar muitas vezes por agostinianos ou franciscanos, viesse a ser fortemente criticado e mesmo “viciosamente” interpretado por autores diversos, quase sempre dominicanos, ao longo da História.

³ Professor de Filosofia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

Vimos o que se passou com as «questões doutrinárias de Paris», em que o Papa pediu com insistência que lhe dessem a conhecer os textos, as pessoas e os locais, para que ele pudesse decidir com conhecimento e em consciência. Apesar desta clareza documental, a acusação de que fora responsável pela «condenação de Tomás de Aquino» foi sendo repetida ao longo do tempo.

Mas houve mais, em várias e repetidas tentativas de embrulhar a sua memória em verdadeiros disparates. Podemos enumerar algumas.

- João XXI defendia um princípio: os pobres e os necessitados, assim como os estudantes e intelectuais sem apoios, eram também prioridades para a sua missão como Papa. Por isso, a porta do palácio papal estava aberta para eles, onde o Papa os recebia, sem cerimoniais ou requerimentos. Por essa razão, foi acusado de falta de senso, de ignorância social (baseada na sua origem humilde, isto é, de família sem prestígio social), de desprestigiar a dignidade papal, desprestígio evidente na sua “incapacidade de criar distância e recato, pondo em causa a autoridade” (Ptolomeu de Luca, dominicano).

- João XXI era um cientista: e este facto bastou para ser olhado com desconfiança por vários personagens ligados à Cúria Pontifical e depois por outros ao longo da História. Papa cientista? Impossível, diziam. A presença na corte pontifical em Viterbo de figuras ilustres nas ciências como Rogério Bacon, João Peckham, o polaco Witelo, Campano de Novara, Guilherme de Moerbeke (dominicano), que foi seu confessor, mais estimulava os críticos de então e outros que lhes sucederam, a pôr em causa a sua qualidade como Papa. O franciscano João Gil de Zamora, contemporâneo de João XXI (falecido em 1318), designa-o como um «*homem filosófico em toda a ciência*». Em contraste, um filósofo francês da actualidade, Alain de Libera, chama-lhe o “anti-filósofo por excelência”, porque o identifica com a condenação de Paris.

- João XXI era um estudioso: fora-o antes de chegar ao papado e continuava a sê-lo. Obras como *Summa Logicales*, *Tesaurus Pauperum*, *De oculo*, *De anima*, e tantas outras que influenciaram séculos de estudiosos, eram a prova bem clara de um homem dedicado ao estudo e que procurava transmitir na escrita o que o seu pensamento e a sua inteligência iam desbravando. Por isso também os cronistas falaram de um gabinete do palácio, em Viterbo, onde ele se isolava, principalmente de noite, porque os dias estavam muito ocupados.

A partir desta pequena crónica, a do gabinete “secreto”, toda a imaginação humana ficou livre para inventar os mais espantosos disparates. Como exemplos

podem-se citar os seguintes: o Papa gabava-se de que viveria muito tempo, porque os seus conhecimentos médicos permitiam afirmá-lo; o Papa dedicava-se secretamente à astrologia, artes mágicas e feitiçaria; o Papa condenou as proposições indicadas por Tempier porque odiava os frades pregadores; o Papa não condenou as doutrinas da Faculdade das Artes porque era um herético (“*preso por ter cão...*”). Até o próprio gabinete de trabalho se foi transformando acabando por ser descrito como uma “torre” especial para os interesses astrológicos do Papa, anexa ao palácio papal.

Com tal ambiente de intrigas e crônicas de mal-dizer, não admira que a sua morte fosse tomada como castigo que confirmava os boatos. Vejamos um pouco do que foi escrito.

Por volta do dia 13 ou 14 de Maio de 1277, quando passava por uma dependência do palácio, foi atingido por um desabamento do teto, que possivelmente provocou um traumatismo craniano, de que veio a falecer no dia 20 do mesmo mês. Estes são os dados presumivelmente certos, ficando apenas o dia do acidente um pouco nebuloso. Este acontecimento foi rapidamente interpretado pelos historiadores dominicanos como castigo divino, chegando ao ponto de afirmar – *«hic hereticus et nigromanticus oppressus est in I palatio a dyabolo, benedictus Deus»*.

Martinho de Troppau, cronista dominicano contemporâneo do Papa e que o acusara de certa falta de senso, não se resguardando para prestígio das suas funções, descreveu o acontecimento tendo o cuidado de afirmar: *«Ao sexto dia do acidente, e depois de ter recebido os sacramentos, segundo os preceitos da Igreja, expirou»*. Não há fantasias neste relato, fantasias que abundaram na pena de outros, igualmente dominicanos. Dessas fantasias se fez eco Ptolomeu de Lucca, também dominicano contemporâneo do Papa, que afirmara já que em João XXI se opunham os dotes intelectuais à incapacidade governativa. Ptolomeu referiu os boatos que corriam relacionados com a morte do Papa: que o teto desabara quando o Papa vociferava contra os religiosos. Mais ainda, continua a lenda: no colo encontraram-lhe uma cédula com caracteres suspeitos, “certamente” heréticos ou de magia negra (!!).

A hipótese de assassinato parece não ter sido levantada na época, mais dada a considerar causas sobrenaturais como o castigo divino por se dedicar a ciências mágicas. Mas essa possibilidade, bem plausível, foi levantada já no nosso tempo, embora quase nada explorada.

Discutido em vida, discutido e amesquinhado na morte, o seu prestígio intelectual atravessou os séculos. Não foi, com certeza, por divertimento sem consequências que o quase contemporâneo Dante Alighieri o escolheu como **p**apa do Paraíso na sua *Divina Comédia*.

5 – Uma tumulação atribulada

Se a vida não foi fácil, recheada como foi de dificuldades, problemas, incompreensões, seria legítimo supor que, uma vez morto seria deixado em paz no seu túmulo. Não foi isso que se passou: a sua peregrinação *post-mortem* terminou apenas, segundo supomos e esperamos, no ano 2000.



Fig. 4 – Catedral de Viterbo, com o palácio papal à direita

Baseado nos trabalhos publicados, principalmente no estudo de Meyreles do Souto, organizei uma espécie de roteiro dos locais por onde passaram os restos mortais do Papa João XXI, e que foi publicado em obra citada. Limito-me aqui a resumi-lo.

De acordo com Francesco Cristofori (1887)⁴, uma nota encontrada com a data de 1291 indica que o Papa teria sido sepultado na catedral de Viterbo em urna de pórfiro no ano de 1277, na «*abside minor a cornu epistole*». Não existem vestígios de qualquer sepulcro neste local, assim como da segunda hipótese de sepultura, a cripta da Capela de S. Valentim, que foi soterrada.

⁴ «Le tombe dei papi in Viterbo», Siena, 1887.

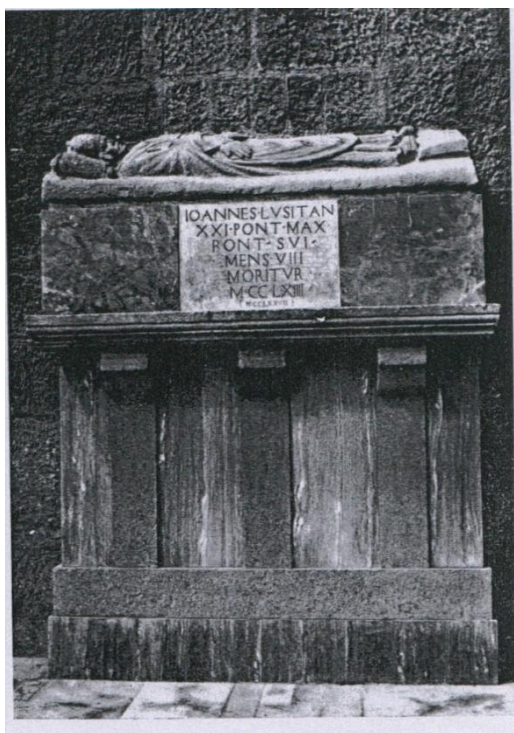


Fig. 5 – Túmulo em “peperino”.



Fig. 6 – Pormenor do jacente

Só se volta a falar do túmulo do Papa em 1571, quando houve obras de remodelação da catedral. Nesse ano os restos mortais foram colocados num túmulo em pedra “peperino”, rocha vulcânica local, em sítio esconso, do lado esquerdo da porta principal. Existe no local uma grande lápide que estaria por cima desse túmulo.

Em 1726, por razões desconhecidas, o túmulo foi transferido para o lado direito da porta principal.

Em 1886 foi preparado novo túmulo, de grande dignidade, por iniciativa do Duque de Saldanha, então embaixador na Santa Sé. Foi colocado na capela lateral de S. Filipe, a primeira à esquerda, a contar do altar-mor. A guerra de 1939-1945 destruiu parte da catedral e a capela de S. Filipe sofreu estragos, sendo entaipada.

Nos anos de 1956 a 1958 foi reunido dinheiro suficiente para a recuperação do túmulo do Papa. Entregue a verba ao bispado de Viterbo, não voltou a saber-se o que lhe aconteceu, pois a obra não foi feita.

No ano de 2000, finalmente, assim o esperamos, por sugestão do embaixador Nunes Barata (embaixador de Portugal em Roma) e iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa com o apoio do Episcopado, foi recuperada a pedra tumular com jacente antigo, sendo colocado no novo túmulo situado no transepto, do lado do Evangelho.



Fig. 7 – Montagem fotográfica e vista parcial

Papa com o nome de João, o 21º, Pedro Hispano Portugalense repousa em Viterbo, perto de Roma, junto do que foi o palácio dos Papas. Admirado por muitos, acusado por alguns de *herético e nigromântico*, a sua obra atravessou os tempos e continua hoje a ser admirada por estudiosos de várias origens. Que Portugal e os Portugueses saibam prestar-lhe a homenagem devida aos grandes da nação que os viu nascer, e que souberam projectar o nome, a origem e a obra através da História.

Coimbra, Ordem dos Médicos, em 19 de Outubro, 2013